

A reconstrução do Sri Lanka pós-*tsunami**

Canice Fernando**

Eram 9h30 da manhã do dia 26 de dezembro de 2004 quando Mary Theresa Rajeswaran ouviu o que pensou ser um veículo militar se aproximando. Trabalhando em sua cozinha, Mary só ficou preocupada quando ouviu berros e gritos que acompanhavam o barulho do rugido de fora. Pegando sua filha Nanthani pela mão, foram ver o que estava causando o tumulto.

Lá fora, uma multidão corria em direção ao oceano que retrocedia. Momentos mais tarde, Mary viu uma estrondosa onda de 4 metros e meio vindo em sua direção. Protegida do impacto inicial por um prédio à frente de sua casa, Mary agarrou Nanthani e correu terra adentro. Diante de um beco sem saída, Mary virou-se para escapar, quando a primeira onda a alcançou, arremessando-a juntamente com sua filha de dois anos em direção a uma cerca de arame farpado. Agarrada à cerca com uma mão e a sua filha com a outra, Mary já estava quase inconsciente, percebendo apenas que a onda recuava rapidamente.

Ferida e cansada, Mary deixou Nanthani em um lugar seguro e começou a procurar por seu filho de seis anos de idade. Não entando, assim que começou a andar pelo lugar onde o tinha visto pela última vez, a segunda onda arremessou-a de volta contra a cerca de arame farpado. “Não senti uma única sensação em meu corpo”, disse ela. “Não senti nada, a não ser a dor de ter perdido meu filho.” Arrastada pela correnteza por mais de uma hora,

Mary lembra-se do aspecto cinzento e do calor do mar que a envolvia. Ela descreve que acima dela “havia um céu escuro e grande”, e uma chuva caía persistentemente.

Encontrada por sua família algum tempo depois, Mary recusou-se a buscar tratamento no hospital. “A segurança de meu filho era a coisa mais importante para mim. Eu não podia sair sem saber que ele estava seguro”, disse ela. Naquela mesma tarde, o filho de Mary retornou para casa, pois tinha ficado em um abrigo em sua escola durante o *tsunami*. Mais aliviada, Mary foi levada para o Hospital Point Pedro. Com marcas pesadas em seu corpo, com os braços e pernas torcidos e cortados, Mary precisou de sete pontos.

“Meu marido não está trabalhando agora, porque seu barco está quebrado”, declara Mary. “Desde o *tsunami*, todos nós temos estado assustados demais para viver junto ao mar. Estamos agora a 750 metros terra adentro, a salvo de quaisquer *tsunami* futuros.” O dilema para a família de Mary e para muitas outras é se devem retornar para o oceano do qual a vida de suas comunidades tem dependido por gerações ou permanecer longe da costa, a salvo, mas sem acesso a uma renda mais confiável e ao lugar que eles costumavam chamar de lar.

Champa é uma assistente comunitária ligada a uma organização comunitária em Hikkaduwa. A organização havia planejado uma grande celebração no dia 26 de dezembro para premiar crianças de diferentes distritos no Sul com bolsas de estudo. Ela chegou cedo ao escritório para fazer os preparativos necessários. Enquanto trabalhava, ouviu o barulho de pessoas e foi lá fora para ver. A água a surpreendeu e ela se agarrou à balaustrada. Em pouco tempo, toda a parede desmoronou. Por sorte, caiu para o lado contrário. Ela se agarrou a um arbusto que boiava. Depois, segurou-se em um tronco que encontrou e lá ficou até a água recuar. Antes que a segunda onda chegasse, ela conseguiu correr para o templo e lá se abrigou com todos os moradores do vilarejo.

Por dois dias ficou sem saber onde sua mãe estava. Sua avó e sua cunhada, que estava grávida, foram levadas pelas ondas. Não restou qualquer sinal de sua casa, exceto algumas lajotas que continuaram lá. Elas perderam tudo o que tinham; precisaram recomeçar do zero.

* Tradução do inglês por: Isabel Aparecida Felix. Mestra e doutoranda em Ciências da Religião Universidade Metodista de São Paulo e revisão do Português Fr. Antonio Carlos de Góis Cajueiro (ofm)

** Canice Fernando é psicóloga e mestra em Psicologia. Como religiosa católica foi Provincial da Congregação Sagrada Família no Sri Lanka. Como psicóloga trabalha no processo de reconstrução do Sri Lanka pós-*tsunami*.

Para elas e para a grande maioria das pessoas, até aquele momento, o *tsunami* era um fenômeno natural desconhecido no Sri Lanka. O desconhecimento público de seus avisos naturais causou enorme quantidade de mortes humanas. Embora a maior parte da costa do Sri Lanka tenha sido afetada pelo *tsunami*, seu impacto varia consideravelmente. O litoral a nordeste suportou o ímpeto do impacto, com 2 a 3 km de áreas atingidas terra adentro. No litoral sul e oeste, exceto em regiões extremamente pequenas, o *tsunami* atingiu uma faixa bem mais estreita, com áreas atingidas limitadas a aproximadamente 500 metros ou menos, e elevações inferiores a 2,5 a 3 metros.

Considerado a maior e mais devastadora catástrofe natural na história da nação, o *tsunami* atingiu quase 8% da população, matando aproximadamente 40 mil e ferindo outras 23.176 pessoas. O fato de as áreas destruídas incluírem algumas das regiões mais urbanizadas e densamente povoadas do país aumentou significativamente a morte e o sofrimento, bem como a destruição e o estrago das propriedades. Na costa nordeste, os estragos nas propriedades foram muito significativos; praticamente nenhuma área foi poupada.

Sem dúvida nenhuma, moradia é de longe o maior bem econômico perdido pela nação. Representa também o mais valioso bem familiar perdido pelas 232 mil famílias atingidas. Aproximadamente 78 mil casas foram totalmente destruídas e outras 41.600 sofreram destruição parcial, desalojando 975 mil pessoas. No nordeste do Sri Lanka, onde a destruição foi a mais severa, aproximadamente 300 mil pessoas ficaram desalojadas, aumentando para mais de 40% as quase 700 mil pessoas que já estavam desalojadas por uma prolongada guerra civil.

Da mesma forma, a valiosa infra-estrutura social e econômica ao longo da costa, incluindo muitas instalações relacionadas à saúde, instalações e infra-estruturas urbanas como mercados, terminais de transporte público e redes de estradas nacionais e provinciais, sofreu severamente. O abastecimento de água e esgoto sofreu rompimento com a estrutura de distribuição; quase 50 mil poços ficaram abandonados e 12 mil ficaram inutilizados devido à entrada de água salgada. Em razão de a área afetada não ter tubulação para esgoto, um grande número de ba-

nheiros e redes de drenagem ficaram inutilizados por estarem cheios de lama, água e outros detritos.

Os danos causados aos meios de subsistência são demasiado grandes, sendo a pesca o mais afetado. Aproximadamente 90 mil famílias de pescadores foram desalojadas, sendo os pescadores os que mais perderam a vida. O turismo vem em segundo lugar, no que se refere à perda dos meios de subsistência e à contribuição para a renda nacional, pois ele gera cerca de 100 mil empregos diretos e indiretos. Um turista em visita ao Sri Lanka passa 40% das noites na costa, portanto a perda de oportunidades de emprego para pessoas que vivem do turismo na costa foi significativa. Mais de 3.500 hectares de terra cultivada, incluindo os campos de arroz, a colheita de vegetais e frutas, tornaram-se incultiváveis em virtude dos elevados níveis de salinidade do solo, e é provável que permaneçam assim por muitos anos, até que as chuvas sazonais reduzam naturalmente a salinidade. Também foram relatadas perdas de animais de criação. O prejuízo causado à manufatura foi insignificante, pois muito poucas indústrias estavam localizadas nas áreas afetadas. No entanto, um grande número de lares onde se produziam atividades geradoras de renda foi destruído. O impacto social desta perda pode ser forte, já que esses empreendimentos eram próprios ou administrados por mulheres e contribuía significativamente para o aumento da renda familiar.

As mulheres foram mais afetadas pelo *tsunami* do que os homens, pois elas estavam na vizinhança quando a onda chegou e a roupa que usavam impediu que corresse até um lugar mais seguro. Dentre os mortos, 80% foram crianças e mulheres. Os sobreviventes foram removidos para acampamentos e casas improvisados. As condições de vida das mulheres nos acampamentos não eram muito seguras, devido à superlotação. Elas ficaram expostas à violência sexual e ocorrências de estupro foram confirmadas nos acampamentos.

O processo de reconstrução começou imediatamente depois que a onda gigante recuou. Pessoas de diferentes partes do país juntaram alimentos, roupas e outros bens de necessidade básica e distribuíram para as famílias mais necessitadas. Imediatamente no rescaldo do *tsunami*, o foco da mídia global no sofrimento humano foi sem precedentes.

Houve uma calorosa demonstração de solidariedade, tanto nacional como internacional, para ajudar os atingidos. Promessas de ajuda vieram de diversos países ao redor do mundo.

A moradia representa, de longe, a maior perda para as famílias atingidas. Para a maior parte delas também representa o bem que querem recuperar o mais brevemente possível. A maior parte das casas perdidas estava em regiões nas quais, tradicionalmente, as pessoas possuíam casas próprias e viviam em seus ambientes culturais. Elas estavam ansiosas para voltar às suas terras e fugir das condições desumanas dos acampamentos e abrigos. Essa situação deu às autoridades a oportunidade de promover um plano de moradia para as pessoas. No entanto, a falta de experiência e visão, a não consulta às pessoas atingidas, bem como os procedimentos burocráticos resultaram em um processo de reconstrução com altos e pesados custos sociais e desperdício de fundos. Perdeu-se uma grande oportunidade de participação e reconstrução comunitárias. Muitos países participaram na construção de casas por meio de ONGs nacionais e internacionais. Dependendo da generosidade do doador, as casas eram ou simples ou muito luxuosas. Algumas comunidades tiveram a sorte de receber casas muito melhores do que as perdidas. O governo pagou uma indenização por cada casa perdida, e isso permitiu que algumas pessoas construíssem suas casas da maneira como queriam.

Devido à falta de reformas para assegurar a participação popular no processo de reconstrução, difundiu-se uma resistência à reconstrução "vinda de cima". As comunidades atingidas começaram a protestar contra a ineficiência oficial e burocrática para prover o necessário. A reconstrução pós-*tsunami* não envolve somente a construção de edifícios, estradas e infra-estrutura econômica. Envolve também a reconstrução de comunidades, as vidas das comunidades e os meios de subsistência de aproximadamente um milhão de pessoas que de repente se viram desamparadas. As autoridades falharam em não mobilizar a participação ativa das famílias afetadas. Conseqüentemente, na maioria das regiões, a reconstrução pós-*tsunami* transformou-se em mero reconstruir infra-estruturas e edifícios e as pessoas ficaram assistindo de longe a

um futuro que estava sendo construído para elas. O processo foi completamente não democrático.

A comunidade pesqueira foi um dos setores mais afetados pelo *tsunami*. Embora o governo promettesse restaurar os meios de subsistência que os pescadores haviam perdido, a incapacidade dentro da burocracia do Estado para lidar com essas reivindicações resultou em sério atraso. As organizações humanitárias entraram para tentar tapar esse buraco. No entanto, devido à enorme quantidade de fundos para as comunidades que estava sendo mobilizada pelas ONGs, tanto em âmbito local como internacional, isso se tornou um empreendimento extremamente competitivo. As organizações de ajuda competem entre si por um espaço para socorrer, oferecendo diversos equipamentos de subsistência, tais como diferentes tipos de barcos, redes de pesca etc. No curto prazo, tais práticas trazem benefícios, porque os pescadores podem reiniciar seu comércio imediatamente. Entretanto, no longo prazo, prover tal variedade de recursos sem a participação e a consulta à comunidade trará sérias implicações às estruturas dos relacionamentos da comunidade e à sustentabilidade de seus meios de subsistência. É a comunidade pesqueira que conhece a capacidade de mercado e do ambiente, como o estoque de peixes disponível em sua região. Tal ação precipitada por parte das organizações de ajuda pode ser desastrosa para as comunidades, na medida em que cria tensões dentro delas e mina os meios de subsistência.

Agências humanitárias têm começado esquemas de empréstimos, aconselhamento empresarial e treinamento em habilidades de trabalho, para ajudar a desenvolver novos negócios e fontes de renda. A verba para programas de trabalho gera renda às famílias.

Com as pesadas chuvas e inundações nas terras das fazendas, a salinidade baixou e os fazendeiros receberam assistência para reiniciar suas atividades de cultivo.

As mulheres das áreas atingidas mostraram uma notável capacidade de recuperação; elas aproveitaram as oportunidades dadas para reconstruir suas pequenas indústrias, seus pequenos projetos de geração de renda. O Banco das Mulheres (WB), uma rede nacional de grupos econômicos formados

por mulheres comuns, tem passado por uma grande expansão de seus próprios grupos de crédito e poupança dirigidos por mulheres, em áreas atingidas pelo *tsunami* ao longo dos últimos anos. O Banco das Mulheres hoje opera em nove distritos atingidos pelo *tsunami*, a maioria deles ao longo da costa leste e sul do Sri Lanka. Nesses distritos, o WB expandiu os grupos econômicos já estabelecidos e iniciou novos grupos de modo a promover um mecanismo controlado pelo povo e oferecer crédito urgente para as necessidades mais imediatas dos sobreviventes.

O principal objetivo dessa rápida oferta de crédito nas áreas atingidas pelo *tsunami* tem sido ajudar as pessoas a recomeçar a obter uma receita. Mas, além dos empréstimos para as atividades geradoras de renda, o Banco das Mulheres oferece empréstimos para compra de terras alternativas, para construção de novas casas ou reforma das danificadas, para cavar poços, instalar tubulações de água, construir banheiros, pagar taxas escolares, cobrir custos de saúde e quitar dívidas informais contraídas a juros muito altos. Muitas dessas novas áreas são vilas de pescadores, de modo que os empréstimos também estão sendo oferecidos para compra ou reforma de barcos e para aquisição de equipamentos de pesca. “Uma coisa positiva que pude observar depois do *tsunami* foi que conseguimos juntar vários grupos diferentes, e isso nos tem ajudado a aprender uns com os outros. Por causa da participação do WB na recuperação do *tsunami*, nós criamos uma rede e estamos realmente aprendendo com o Banco das Mulheres como o apoio à comunidade pode ser sustentável no nível comunitário”, diz uma das mulheres envolvidas na expansão das atividades do banco.

A recuperação do *tsunami* abriu uma janela de oportunidades para que as mulheres reforçassem seus papéis de tomada de decisão dentro da comunidade, assim como suas capacidades empreendedoras.

Em Mátara, um esforço de colaboração entre um grupo local de mulheres, um banco privado e os oficiais do governo local tem ajudado a revitalizar a indústria de tecelagem local.

Em Trincomalee, em um grupo de várias coletividades de mulheres, formou-se uma rede forte

com mil membros, resultante da colaboração mútua nas iniciativas de recuperação do *tsunami*, bem como das ONGs nacionais e internacionais e das oficiais do governo.

As histórias de reconstrução do *tsunami* demonstraram como se criou uma oportunidade de se prestar mais atenção à proteção do meio ambiente. Por exemplo: em Batticaloa e Kalmunai, onde o *tsunami* destruiu completamente a vegetação natural em alguns lugares, os líderes comunitários colaboraram com as agências de desenvolvimento e o Departamento Florestal, com a Faculdade de Agricultura da Universidade do Leste, com a Departamento de Desenvolvimento Urbano e o Conselho Urbano para desenvolver “cinturões verdes” com o replantio de árvores de pinus e de coco, para aliviar a erosão e impulsionar a economia local.

Por fim, os sobreviventes do *tsunami* podem ser ou vítimas ou agentes de mudança. Essas histórias de sucesso que refletem o espírito de realização (eu posso fazer) inspiram aquelas pessoas que sofreram a devastação do *tsunami* — e outras — a impulsionar suas vidas e suas comunidades.

A necessidade de falar sobre o “trauma” dos adultos e crianças que viveram experiências terríveis e tremendas perdas pessoais foi trazida pelos repórteres internacionais que entrevistaram trabalhadores locais de saúde mental, no rescaldo imediato ao *tsunami*. As opiniões divergiram em relação às intervenções psicossociais mais apropriadas. As ONGs locais (primeiramente aquelas com pouca participação prévia na programação psicossocial) e os grupos interessados de outras regiões do Sri Lanka empenharam-se no aconselhamento aos sobreviventes do *tsunami*. Além de alguns conselheiros que já trabalhavam no local, esses serviços foram prestados por voluntários treinados por apenas alguns dias, ou por equipes de outros lugares da ilha. Era opinião generalizada de que o falar sobre as experiências e sentimentos com “conselheiros”, mesmo aqueles com treinamento muito limitado, seria emocionalmente benéfico para as pessoas que tinham vivido a perda de familiares, casas e meios de subsistência e que se encontravam em acampamentos provisórios.

Esta visão resultou na instalação nos acampamentos de pequenas equipes de “conselheiros”,

duas semanas após o desastre, para falar com as pessoas desabrigadas. Dadas as condições instáveis do acampamento (população flutuante, péssima administração e distribuição de suprimentos de ajuda, ameaças de fechamento e superpopulação), tais "conselheiros" relatam freqüentemente que suas sessões de trabalho davam-se geralmente com grandes grupos caóticos, ansiosos por contar suas histórias. As sessões também apresentavam poucas oportunidades para um apoio mais aprofundado aos indivíduos e para acompanhamentos posteriores. Essas experiências muitas vezes deixavam os "conselheiros" sentindo-se sobrecarregados e frustrados.

Uma outra abordagem foi apoiada por organizações e indivíduos que haviam implementado intervenções psicossociais dentro do contexto do conflito armado que existiu por muitos anos antes do *tsunami*. Esta perspectiva priorizou a abordagem das necessidades sociais e materiais das pessoas atingidas, como forma primária de prover apoio na etapa aguda logo após o desastre. As tentativas de "aconselhar" os sobreviventes eram altamente desencorajadas enquanto intervenção inicial, embora ouvir, dar apoio e ser amigável com os sobreviventes fossem atividades encorajadas se dessem início a uma conversa sobre suas experiências ou dificuldades. Esta visão foi orientada por experiências prévias do "serviço de provisão", bem como por diretrizes nacionais e internacionais já reconhecidas.

À medida que o setor psicossocial da resposta humanitária se expandiu, os doadores pressionaram as agências para que aumentassem suas intervenções e novos atores entraram em campo. Os conflitos e discordâncias surgiram tão logo as várias organizações de implementação começaram a tropeçar umas nas outras em seu desejo de trabalhar com certos tipos de pessoas. Instrutores e trabalhadores de apoio que faziam visitas aéreas de Colombo ou de outros países não tinham informações adequadas sobre as circunstâncias e capacidades ou exigências locais.

A variedade de abordagens teóricas e práticas para o trabalho psicossocial, tanto global como no Sri Lanka, foi um desafio para o desenvolvimento de um setor psicossocial integrado. É difícil acomodar diversas perspectivas e metodologias dentro de uma mesma estrutura. No momento estão sendo

feitos esforços para evitar uma ênfase na dicotomia entre as abordagens do desenvolvimento da comunidade e da saúde mental nos serviços de provisão.

Os exemplos das intervenções psicossociais disponíveis no presente incluem a elucidação de narrativas da experiência por voluntários, sessões de aconselhamento para pacientes individuais, intervenções psiquiátricas para os mentalmente doentes, formação de grupos de chá para pessoas idosas, discussões sobre os medos relacionados ao *tsunami*, informação prática de abastecimento, e visitas às famílias de pessoas desaparecidas. As crianças separadas de suas famílias foram colocadas em lares provisórios, com parentes de sua escolha, e existem atividades regulares de jogos para as crianças nos acampamentos e esforço para assegurar consultas às mulheres e crianças sobre a colocação de água e dependências sanitárias a fim de aliviar os riscos e os medos de assédio ou de violência sexual.

Também foi dado amplo treinamento aos professores, aos trabalhadores da saúde, aos trabalhadores e voluntários das comunidades de base, embora muito pouco disso tenha sido sistemático ou sustentado. Tanto os serviços de apoio quanto as iniciativas do treinamento variam consideravelmente quanto à qualidade e eficácia. No setor psicossocial, a oferta de serviços apropriados e de qualidade aos atingidos pelo *tsunami* gradualmente vai sendo guiada pela consciência da necessidade de as agências planejarem e coordenarem suas ações de modo a oferecer intervenções consistentes e coerentes aos que necessitam de apoio. Iniciativas tomadas por longos períodos (e de forma paciente), como uma abordagem de intervenção, já estão colhendo resultados em termos de eficácia e sustentabilidade de seus serviços.

O *tsunami* no Sri Lanka não deve ser visto como um mero desastre natural. O auxílio e a reconstrução devem necessariamente considerar o conflito étnico que está causando devastação no Sri Lanka. Todas as comunidades - tâmeis, muçulmanos e cingaleses - foram atingidas pelo *tsunami* e, no processo de reconstrução, dever-se-ia buscar a participação de todas essas comunidades. O *tsunami* forneceu uma rica oportunidade para a promoção da harmonia intercomunitária, mas os interesses mesquinhos de partidos políticos e a teimosia por

parte de alguns setores da sociedade impediram que ela fosse aproveitada. As agências de ajuda humanitária têm organizado um envolvimento intercomunitário para aperfeiçoar o diálogo e compreensão entre cingaleses e tâmeis, para ajudar a controlar a violência política e melhorar os relacionamentos entre os cidadãos e autoridades locais. A comunidade internacional está muito ciente do papel do LTTE¹ no processo de reconstrução, mas os esforços feitos pelos países doadores não parecem ter alcançado a meta desejada de promover a paz dentro do país. As palavras de Nilanthi, mulher que tem demonstrado grande poder de recuperação e coragem, resumem para nós a jornada rumo à reconstrução: “A principal lição que aprendemos com o *tsunami* é que as pessoas jamais deveriam ser impedidas de ser donas de suas próprias vidas. Elas devem decidir sobre o que necessitam e o que devem fazer, mesmo quando estão em péssimas condições, após uma crise.”

¹ Liberation Tigers of Tamil Eelam (Tigres de Libertação da Pátria Tamil).